

## I

A minha janela é um convite constante ao suicídio. Diariamente acordo, levanto-me e olho de lado a minha janela. Inspecciono a medo o metal que a orla, que, escuro, pergunta porque vivo. Observo aterrorizado a súplica turva dos vidros baços, cansados de serem vistos apenas a meia-água, obstáculos quer para a luz que entra quer para a iris que sai, agora desejosos de se fazerem valer por si. Dizem-me, os vidros baços, a armação metálica, o buraco na parede, Vinde, vinde, que cá te esperamos. E eu, feito tremeliques, viro as costas à minha janela e respondo Hoje não, que tenho coisas para fazer. E, quando, de facto, nada faço, chego a casa, feito nada, olho a minha janela e justifico Hoje não, que não se morre com coisas por fazer.

Todos os dias minto a uma janela. Não há outra maneira de morrer do que com coisas por fazer. Seja de velho, de novo, de doente ou de próprio, morre-se sempre, por definição, com coisas por fazer. Nasces com coisas por fazer e morres com ainda mais na lista. Viver é só ir juntando coisas a uma lista por cumprir. É uma lista de banalidade. É O estender a roupa, o lavar o carro, o mudar a lâmpada fundida da casa-de-banho, o ter a discussão sobre a lâmpada e o mandar a merda da cabra da puta da tua mulher para o caralho que já estas farto de a aturar e queres é que ela se foda que tu bens sabes que ela anda a foder a merda do vizinho e pode ir pedir ao cabrão que lhe mude a porra da lâmpada e é se ela quiser que se não vais pedir para testar o cabelos aos filhos e ai é que vão ser elas que tu não pagas pensão a ninguém e queres ver como é que a puta vadia do caralho se vai aguentar a sustentar três gaiatos bastardos com ordenado de caixeira porque o caralho só cá vem para dar caralho e não está para pagar um cêntimo que ele também não tem para dar nem a renda dele paga quanto mais a tua que está desempregado desde que chegamos ao prédio e a velha parva da mãe é que lhe faz as compras.

É no cumprir de listas que se faz a vida, no riscar de pontos, no marcar de certos, no contar de votos, no cumprir de objetivos vazios, vagos, de efeito nulo no real (o que no fundo

são todos os objetivos e todos os efeitos. Nada tem efeito no mundo por mais que digamos que o tem, que por cada pão que damos tiramos um a alguém e no fim do dia houve outro tanto que se tirou para dar a ninguém, que a vontade de fazer mal não é só proporcional à de fazer bem, é lhe necessária e constantemente superior. Podemos fazer o que quisermos ao mundo que ele não muda. Mudam os que por lá andam. Mudam os que por lá vão andar. Mudam as formas dos montes, mudam os cursos dos rios, mudam os olhos, mais mortos ou mais vivos, mais límpidos ou mais baços, dos peixes que os sobem ou que nos esperam no frio das peixarias, mas não muda de facto o mundo, só o que nele circula e se deixa estar por empréstimo de espaço e tempo, de tempo e espaço - que precisas de um para o outro, mas nenhum podes ter sem outrem - Parece tudo muito difícil até se reduzir a lista ao essencial, até se trazer ao de cima, a boiar, como um corpo inchado, como um tronco encharcado, o que puxa por todo, o que arrasta o dia a dia, o que justifica o singelo dia de glória de cada um - que, contra o engano comum, é a conceção, e não o nascimento – é o mesmo que desafia os sonhos de cada criança. O que guia o mundo é a vontade constante, diária, repetida, exacerbada, existencial, final de si, de responder ao apelo de uma janela, de ver se desta vez consigo não voar. É o que guia o meu mundo, e o meu mundo é todo o mundo.).

Todos os dias renego a minha janela por forças que me transcendem - a preguiça. A vida nunca acaba porque temos perpétua preguiça de acabar com ela. É complicado pôr fim a uma vida. Saltar da janela é só o primeiro passo. Depois é preciso conhecer passeios, aturar paramédicos, escutar prantos, levar com maquilhagens, engolir terras – e levar com mais prantos - terminar assuntos, encerrar questões, controlar problemas e, já vai tarde, fechar a janela. Surge uma infinidade de problemas quando se salta de uma janela. Por alguma razão alguém duvida sempre do salto. Está de tal forma enraizada a noção da nossa preguiça coletiva que não nos entra na cabeça que alguém se tenha de facto dado ao trabalho. Questionam-se os motivos, as situações, os contextos, os eventos, como loucos que exigem particular motivação

para se saltar de uma janela quando muito maior do que o trabalho de pôr fim a uma vida é o da dolorosa azáfama de existir, em que se come, bebe, caga, fode, estuda, apaixonou, chateia, reencontra, trai, acaba, recupera, imagina, casa, sonha, trabalha, esquece, procria, cria, alimenta, desiste, limpa, educa, ensina, trai, divorcia, chateia, esquece (é esquecido), repensa, arrepende, deseja, sonha, bebe, caga, desapaixona, morre. Morre. Quem existe morre. Quem morre salta de uma janela, seja de velhice, seja de novice, seja de doença, seja de próprio. Não é loucura nenhuma saltar de uma janela. Saltar de uma janela é a conclusão natural de um exasperante e excessivamente detalhado capítulo, que leva mais ou menos palha entre cada parágrafo de mediocridade cliché.

Quereis perceber como mover uma plateia? Mostrai-lhes uma janela. Todos eles se movem, em uníssono em direção ao vidro, prontos a parti-lo, a rachá-lo, a abri-lo e a saltar para o lado de lá, mesmo que para lá do vidro haja só um palmo de soalho e tapete cheio de vergonha. A verdadeira arte da oratória está nas tapetes. São as tapetes (e os vegetais) que nos convencem a cuidar deles, a limpá-los (isto mais os primeiros do que os segundos), a regá-los (isto mais os segundos do que os primeiros) sem nada oferecer em retorno. A janela, ao menos, oferece trabalho, e descanso. Primeiro um, depois o outro, e finalmente um. A minha janela, sem nada dizer, provoca-me Vinde que podeis finalmente fechar os olhos. Não precisa de mais. Vinde e podeis finalmente fechar os olhos, deviam dizer todos os placards publicitários. Vinde e podeis finalmente fechar os olhos, deviam afirmar todos os terapeutas miraculosos. Vinde e podeis finalmente fechar os olhos. Eis uma religião a que finalmente aderiria. Ofendo agora os vossos deuses. O meu não é único e singelo porque de olhos fechados não vê o que os outros andam a fazer, portanto tanto lhe faz quantas divinas existências afirmam ou têm gosto em desafirmar. O meu deus é o Vinde e podeis finalmente fechar os olhos. Vinde e fechais os olhos reza o seu único salmo. Fechareis os olhos obriga o seu primeiro e último mandamento. Põe tua mão na mão do meu e fechais os olhos canta-se ao comungar pálpebras

cansadas nas suas missas de domingo. Ou de segunda. Ou de terça. De olhos fechados tanto faz.

A janela do meu quarto é um gigantesco cartaz publicitário. Vinde e fechai os olhos, diz-me ela todas as manhãs. E toda as manhãs eu lhe respondo Hoje não, que quero chatear-me outra vez. E vou e chateio-me e todas as noites ela me diz Não acordai amanhã, vinde e fechai os olhos. E eu lhe respondo Não, que não me chateie o bastante para uma vida. Há quota de chatices para uma vida, mas está mal distribuída. A verdadeira desigualdade do mundo está nas razões para a depressão. Uns com tanto e outros com tão pouco. Ai que eu passo fome, ai que me raptam a família, ai que sou violado ao dia. E eu aqui: Medíocre, obrigado a inventar razões para fechar os olhos, como se existir não fosse justificação bastante para deixar de o fazer. Admiro os que de manhã olham a sua janela e dizem, finalmente alegres, Já me chateie o bastante, vou fechar os olhos.

Admiro porque quero e não consigo, porque choro sem razão, porque estou triste para além da justificação do e o estar. Admiro porque ainda hoje acordei e desapontei a minha janela, e dizem-me que isso é que é de admirar.

E se um dia me fartar deste mundo? Alguém me vende um novo, ou tenho de o criar? Fico como alma penada, ou os suicidas já podem comungar? Tenho a impressão (o terror) de que a vida (esta e a outra) foi mal feita de propósito, a ver se ficávamos obrigados a ir atrás do corretivo, como cachorros que cagaram na carpete e sabem que merecem a pancada, que ficam à porta de casa, quietos, parados, silenciosos, até o dono chegar um quarto depois das cinco, já de sobrolho carregado, de nariz caído a afinar a pontaria aos olhos, de alma penada a precisar de tudo menos do cheiro de merda na carpete que levou semanas a escolher, e que saca logo (de imediato, de supetão, sem olhar primeiro para um lado, para o outro e novamente para o mesmo lado, como ensinam nos manuais de cidadania, sem chegar a chamar pela mulher que nunca tem bem a certeza se tem) do cinto, que já esperamos, de focinho no chão, a cheirar a

própria merda, de rabo no ar, a denunciar-nos da trincheira imaginária que é o nosso minimalismo, a nossa inexistência ali, como se ao ficar bem contra o chão passássemos de cão a ilusão ótica, que só traz a ideia de merda, mas nunca o cheiro, logo nunca o castigo.

Nunca o castigo. Ao lavar-me de manhã, a água que me cai pelo corpo é pecado em dual conspurcação do batismo da noite anterior e do pecado em que se fez a limpeza de alma, batismo de nova igreja, de papelão, a mando. Queres divindade a mando? Vem-te. É só branco. Estás virgem e renovado de cada vez que te vens. Cobres o mundo de virgindade. Vem Deus à terra pelos teus genitais. Sentas Deus à tua frente, de boca aberta, e vens-te. É essa a cor do orgasmo. O orgasmo tem cor de Deus. Os orgasmos são uma afronta a Deus porque são caricatura de Deus. Não te vens dentro porque o sexo é para procriar, o sexo é para procriar para te vires dentro, para não veres, para nunca perceberes, para nem desconfiares, que estás a injetar a gaja com Deus, que tens Deus a mando, sempre pronto a saltar-te da peça. Deus fez o sexo para te vires dentro, para o mandares vir dentro, sem saber. Não contava era com a punheta.

Depois de te foder, Marta, prefiro deixar-te entre lençóis suados, de cabeça caída, cabelos espalhados na almofada dura que resgato da comoda de cada vez que passas a noite, olhos revirados por trás de pálpebras fechadas, mãos vazias lançadas ao nada, a tentar agarrar-se a não sei bem o quê para o puxar, sem dúvida, para mais perto do teu peito, a meio caminho do calor do teu afago, antecâmara da noite de água choca que me trepa as pernas e me cobre os ombros enquanto te olho: nu, hirto, firme, de pés embutidos no convéns que do próprio. De pés firmes em mim mesmo, pilar central da minha pessoa, mastro e vela do eu à deriva por entre os vagalhões dos teus seios, as correntes dos teus cabelos, o redemoinho da tua vagina, forçado pelas rajadas abruptas dos teus suspiros, que nunca prevejo.

Vale que basta uma vez para te consolar, que só tenho duas por noite e uma guardo para mim. Metade das minhas crias dou às tuas pernas abertas, a outra fica para a minha mão, horas mais tarde, quando me deixas, duche tomado, e te vigio da janela da cozinha, adivinhando novo batismo de hoje a sete dias. Olho-te, lembro-te, fantasio-te, imagino-te, segurando-me, mole, numa mão, tocando-me faminta e descaradamente, sabendo-me sozinho em casa por largas, infinitas, horas, tantas quanto as tiver, brandindo na extremidade que me resta uma Goulet vibrante de criatividade e sexo, na mistura nojenta do orgasmo e da inspiração que me dá literatura e sémen num único jato fragilmente repetido semana a semana, que me besunta as paredes e os papéis num instante que se não é divino não é nada, ou nada é, que decide de um golpe a morte de uns (filhos) e o nascimento de outros (tintas, personagens, herdeiros). É um homem feito deus.

Quando me limpo de manhã é início do pecado para mim e fim do crime para os outros. Todas as noites se renova o crime, por isso não tenho noites. Nunca durmo depois de foder. Dormir é admitir o pecado, é confrontar a memória, é olhar a consciência e responder Isto está certo, isto está errado, quanto eu e ela bem sabemos que tudo está certo e tudo está errado, só falta mesmo saber quando finjo qual.

Não há, nos restos da noite, nada que não me saia no duche da manhã mal dormida; humidade que perdure para lá da minha própria; segura que sobreviva ao meu dilúvio sem arca; ideal que sobreviva aos desejos de Plutarco. Nada resta depois do meu duche da manhã, nada, salvo a vida pela tinta.